

Dario Boechat Pinto

**PERFIL DE**



**GERSON ANTUNES**

**1987**



Nasceu em 6 de agosto de 1891, em Caxias, no Maranhão.

Vindo para o Estado do Rio de Janeiro, dedicou-se ao magistério.

Foi escritor de temas bíblicos e compositor de hinos evangélicos.

Morreu em 1943, em Barreiro, Município de Natividade.

Uma das pessoas com quem tive mais afinidades foi Gerson Antunes, meu professor de curso primário — um nortista que veio para Itaperuna, em 1928, fixando residência no Valão, onde fui criado.

Por influência direta, me ajudou na fase de ajustamento, pela segunda infância, e depois concorreu, já por meio indireto, para a solução dos problemas tipicamente espirituais (quando alguns dos livros que embasaram sua cultura de autodidata convertido ao Evangelho me vieram às mãos, por sua morte).

Depois das primeiras letras, ensinadas em casa pela minha mãe, a partir de uma cartilha da tinta Sardinha, que o meu pai vendia em seu comércio de secos e molhados, tive que fazer a pé, cinco vezes por semana, os dois quilômetros que me separavam de sua escola, na fazenda de Joaquim Paulo de Oliveira.

Gerson Antunes era um preto afável, já próximo dos quarenta, solteiro ainda mas casando-se quase



logo com uma nativa menos carregada na cor — Herondina Bastos, filha de um colono daquela fazenda mesma.

Ao nascerem-lhe os filhos, entrou em dificuldades financeiras. Suas atividades no Evangelho, com pregações em muitos lugares, com aulas noturnas para os rapazes que aspirassem ao ministério (ensinava-lhes a Bíblia e também gramática), deixava-lhe pouco tempo além do exercício da profissão de mestre-escola, que mal lhe rendia o bastante para viver. E, mesmo que dispusesse de mais tempo, não teria como empregá-lo de maneira lucrativa, naquele meio sem possibilidades fora da agricultura, que não era mesmo seu caso. Lutando pela subsistência da mulher e dos filhos, tinha geralmente em casa uma cunhada anormal e a sogra, a amável «tia Rita», de quem, alguns anos depois, tomei uma Bíblia de Figueiredo, confessadamente com o objetivo de fazer literatura profana, por me achar na fase em que me dizia niilista. Decerto que, na leitura, fui longe demais, de modo que a boa da velha costumava dizer, rindo-se:

— Bem feito. Pegou a Bíblia pra fazer romances e acabou crendol

Muito deviam cansar as viagens de Gerson Antunes ao Barreiro, apenas a uma légua de distância mas por caminho difícil — a princípio várzeas enlameadas, com atoleiros, na época das chuvas, e depois subindo pela serra da Pirraça, cuja descida, do outro



lado, era mais penosa, pela natureza do solo altamente erodível, por isso mesmo com a estrada ferida de sulcos transversais. Ao menor descuido do cavaleiro, o animal poderia ir com ele para as ravinas cobertas de pedras desnudas.

No Barreiro florescia o mais importante núcleo evangélico não clerical, nem denominacional da região e sua cooperação por lá era imprescindível. Por vezes voltava atrasado para as aulas, com visível remorso pelo tempo que nos fizera perder.

O fazendeiro Joaquim Paulo era também evangélico e o ajudava no que fosse possível, além do que lhe devia por educar seus filhos. Mas o proprietário sofria também muito com a crise no mercado do café, a partir de 1930. A queda no preço, em mais de setenta por cento, deixara os cafeicultores em péssimas condições, com uma quebradeira geral entre eles.

O fazendeiro lhe fornecia a casa onde morava e dava aulas, à beira da estrada de automóvel recém-construída, ligando a cidade à serrana aldeia de Vargem Alegre, onde nasci. Mas minhas primeiras recordações se prendem a uma outra casa, à margem do caminho antigo, antes apenas carroçável e desde logo em completo abandono. A velha casa era mais ampla e tinha sido ponto de comércio, com três portas à frente e uma escada de dois degraus ao longo da fachada. Além das aulas, ali se davam as primeiras reuniões evangélicas regulares no Valão. Por isso tínhamos que retirar as carteiras do salão às quartas e sá-



bados, repondo-as outras tantas vezes, que nem Sisífos do interminável trabalho.

Não compareci a nenhuma daquelas reuniões, pois em casa éramos refratários ao movimento, que chamávamos pejorativamente de protestantismo — por causa dos religiosos que falavam sempre, sem seriedade e sentimento de amor, no céu para eles e no inferno para os demais. E também na casa de oração, logo construída à beira da estrada nova, quase no terreiro da fazenda, não cheguei a prestar atenção às pregações de Gerson Antunes, que apenas via, de passagem, ocupando o púlpito. Uma única vez que o ouvi por alguns momentos, me deu a impressão de um orador de poucos recursos (e seus dons eram mesmo o de ensinador, de organizador de corais, de escritor de temas bíblicos, de compositor de hinos, alguns dos quais ficaram no hinário do movimento).

Ele era natural de Caxias, no Maranhão, de onde tivera de zarpar bem moço, para não ser preso ou assassinado, por causa de um ato, que era mesmo uma prova de audácia incrível. Sendo pobre e neto de escravos, ousou sair com artigos violentos, num jornal da cidade, contra o juiz eleitoral, acusando-o de trapanças num pleito, para sustentar no poder os manatas de sempre. Tendo de fugir para S. Luís e, mais tarde, para Salvador, fez-se boêmio tocador de pistão, andando pelas madrugadas com diversos rapazes, acompanhado por instrumentos de corda (seu conjunto, de que guardou ternas lembranças até o fim dos dias). Para sobreviver, aceitou a profissão de bar-



beiro mas acabou por abandoná-la, entrando então pelas «mais negras privações», como dizia sempre que o obrigavam a falar daquela época. É que o abuso do álcool, nas serenatas, acabou por se tornar em hábito, andando já de dia pelos botequins, a tomar suas doses aqui e ali, conforme lhe dessem de beber. Viviam mesmo do que lhe davam nas tabernas, onde tocava pistão, recebendo decerto alguma coisa também dos companheiros de serenatas, que dele precisavam para expressar seus sentimentos em face da noite e do mundo.

Feito «pau-d'água serestelro» (como a meu respeito escreveu o poeta e crítico Valter Siqueira, num jornal campista), já tinha as roupas em mau estado, os sapatos cambados e de sola furada, tudo fazendo crer num futuro mendigo, a dormir debaixo das pontes ou nos becos sórdidos. Mas a música, que o ajudara a perder-se, ajudou-o também a se salvar. Uma noite, bêbado como sempre, ia por certa rua quando ouviu nas imediações um cântico de hino evangélico. A melodia enterneceu-o e por isso foi até a casa de oração, onde alguém o acolheu, dando-lhe um lugar para assentar-se. Agradecido pelo bom trato e informado dos dias de reuniões, voltou por mais vezes, ouvindo também a leitura da Bíblia e os comentários. Assim, ficou a trabalhar-lhe a mente uma interrogação contida na passagem do Velho Testamento em que o profeta Elias concita o povo a decidir-se entre o culto de Jeová e o do deus Baal, recém-introduzido pela



terrível Jezabel no reino do Norte (formado pelas dez tribos cismáticas):

— Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; e se Baal, segui-o. Mas o povo não respondeu nada (1 Reis 18:21).

Com aquela interrogação na mente, sentiu que também já coxeava entre dois pensamentos: entre a vida mundana e a do Evangelho, passando por doloroso período de dúvidas. O que me faz ter por ele o maior respeito foi não merecer o que disse Kierkegaard dos pastores do seu tempo:

— Bocas malditas, que explicam a dúvida sem tê-la conhecido!

Ao contrário do povo de Israel, que não respondeu nada ao profeta, ele acabou por dar a mais decidida resposta a si mesmo e ao mundo, declarando-se um seguidor de Cristo. Quase logo foi para o Rio, em companhia do inglês E. Percy Elis, com quem trabalhou no comércio por alguns anos. Depois de fazer bons estudos bíblicos e literários em geral, veio parar aqui, onde se tornou uma bênção, pelo exemplo de vida e pelos ensinamentos que ministrou a muitos.

No Valão os ingleses tinham fundado o movimento evangélico sem clericalismo e sem denominação, por isso mesmo bem próximo do cristianismo primitivo — uma pena que eles já traziam em mente o ídolo topográfico, da casa de oração e, com isso, algumas



coisas perniciosas, que o catolicismo não tem, como o livro de arrolamento para os religiosos de um lugar, o livro de atas, em que os fortes registram os pecados dos fracos, além de mais «preceitos dos homens», que Jesus deu como anuladores da adoração (infelizmente na grande maioria os homens se fazem apenas católicos ou protestantes, sem chegar à gloriosa liberdade dos filhos de Deus). Reconheço que Gerson Antunes participou daqueles «preceitos» do protestantismo de estilo inglês (como se ia dar comigo, até que, por dores imensas, pudesse romper o círculo de todas as intolerâncias e mesquinharias, ficando apenas com o que vejo nos evangelhos e nas cartas dos apóstolos). Mas salvou-se do pior, graças a seu grande coração de boêmio do mundo, tornado, como eu, em boêmio da graça, do modo que eu iria me definir mesmo num dos sonetos do meu livro de versos, A FONTE ESQUECIDA:

De todo indiferente à perversa Babel  
das seitas, a sofrer a cabala cruel  
dos rabinos do foro com os fariseus,

sentindo que esta vida é o momento que passa,  
vou em busca do Eterno — um boêmio da graça,  
a cantar pelo mundo os caminhos de Deus.

Mesmo do ponto de vista étnico, Gerson Antunes era um tipo incomum. Longilíneo, mãos compridas, dedos afuselados (vergavam-se um pouco ao cal-



car o giz ou ao passar a esponja no quadro negro), entradas frontais denunciando capacidade intelectual, devia ter seus antepassados nalguma das mais nobres tribos da África. Apraz-me imaginá-lo descendente de algum príncipe sudanês ou de alguma irresistível mina que no Brasil tivesse vivido a história mais tarde celebrada por Jorge de Lima em ESSA NEGRA FULÔ. Em tal caso, descenderia também, pelo lado paterno, de alguma notável família do Norte, de onde lhe veio o sobrenome de Antunes.

Só mesmo uma ancestralidade excepcional, fruto de eugênica miscegenação, poderia explicar os traços fisionômicos delicados, como a simplicidade e lhaneza de trato do gentleman de cor, que era.

Nada sei dos seus troncos e da fase de boêmio da noite ou do dia não me ficou uma anedota para contar. Não conversávamos nunca no tempo em que me deu aulas e nem ele desceria às coisas do seu passado, se conversasse comigo.

Respeitando-nos mutuamente, ele via em mim um privilegiado pelo caráter e pela inteligência, enquanto que eu via nele um homem dotado de conhecimentos e dons especiais. Além disso, havia entre nós o impasse da diferença de idade, com o natural constrangimento entre aluno e mestre, além desse pudor natural que impede às pessoas superiores a formação de amizades particulares, intimidades de qualquer espécie. Não passando nunca do que se referia às aulas, depois da entrega de O JORNAL, que só nós assiná-



vamos no Valão (recebia cada número com manifesta avidez), apenas por três vezes conversamos um pouco, já quando não freqüentava mais seu colégio. Numa viagem de trem entre Carangola e Itaperuna, trocamos palavras de mera cortesia. Depois, no Valão, indo nós em direção da fazenda onde morava, estugou o passo e me alcançou, provocando uma conversa em que falou mais do que eu, discorrendo sobre Castro Alves, de quem recitou as duas estâncias finais do NAVIO NEGREIRO (seu entusiasmo por Castro Alves era enorme: vendo nele um dos remidores da sua raça). E, finalmente, conversamos por mais tempo, quando o visitei aqui na cidade (vindo eu da roça, onde morava), já em seus últimos dias.

Fui para sua escola pelos dez anos, já sabendo ler e escrever, fazendo as quatro operações e conhecendo os nossos poetas mais populares. A minha mãe era doida pela poesia, de modo que bem cedo me iniciou nela, ao ponto de, aí pelos oito anos, me ajoelhar uma noite em frente da janela pela qual entrava um luar belíssimo e pedir a Deus que me fizesse poeta. Hoje penso, imitando Pascal, que não o teria pedido se já não o fosse.

Gerson Antunes me aprimorou na leitura e me fez dominar o curso superior de aritimética de Antônio Trajano, o que muito me ajudou no desenvolvimento do raciocínio. A primeira lição que me passou foi de ciência (decorar os nomes de alguns ossos do corpo humano). Dei-a no dia seguinte e me disse que estava boa, podendo, «todavia», estar melhor. Doeume



profundamente aquele «todavia» (nele um bordão por influência dos missionários, que já o traziam engatilhado da Inglaterra, em seus estudos de português com vista ao trabalho em Portugal e no Brasil). E chorei ali mesmo, de imensa vergonha, sem de novo incorrer no «todavia», se não fui mesmo poupado, certas vezes, pelo mestre, por saber-me sensível demais.

Acredito mesmo que Gerson Antunes herdasse aquela natureza de alguns antepassados mais evoluídos da África. Gilberto Freire diz que muitos negros já vinham mais instruídos do que os senhores a quem deviam servir por aqui. Diversos deles eram de origem muçulmana. Em tempo de exílio, Maomé esteve na África com muitos seguidores, deixando por lá a marca de sua passagem, na raça e na cultura. Transportados ao Brasil, tais negros se converteram, em grande parte, mais tarde, ao protestantismo do Norte (de qualquer forma uma oposição ao catolicismo, que os maometanos odiavam especialmente). O nome de Gerson (também do filho de Moisés) me parece um vestígio de influência bíblica entre os antepassados de Gerson Antunes. Admitindo que fosse descendente de maometanos importados, de honrosa cuna, étnica e cultural, descendia o colored inteligente, que em bom tempo veio para o Valão (no que se refere à minha experiência pessoal).

Não tendo o metimento dos que posam como chefes religiosos logo que encontrem uma dúzia de ingênuos que lhes façam o jogo, não tinha também a



subserviência dos tipos inferiores. Côncio mesmo de sua superioridade cultural (transparecia, apesar de tudo), dava aos fazendeiros e colonos o mesmo trato respeitoso, tirando o chapéu para os donos de terras às suas janelas ou seus alpendres mas fazendo o mesmo para com os capinadores nos eitos à beira dos caminhos:

— Senhores, meus respeitos.

— Val com Deus, fessô.

Sua aceitação por parte de todos era uma prova de que o povo odiava o protestantismo em seus representantes pernósticos (moralistas reles por vezes) mas respeitava o Evangelho, sempre que se manifestasse na conduta de alguém. Nunca ouvi uma palavra de menosprezo para com Gerson Antunes, numa época em que os protestantes eram acusados até das tempestades, das estiagens, das doenças dos animais. Diziam no Valão que os micuins, que ultimamente grassavam no lugar, tinham vindo com os burros do missionário Mc Nair. Na cozinha da fazenda de Joaquim Paulo um tacho de toicinho que fritavam virou da chapa do fogão e a gordura foi queimar uns cavalos de sela que estava debaixo da casa. Logo correu o boato de que fora castigo pelo sacrilégio de terem tomado uma cruz da beira da estrada para fazer lenha. A versão era de que a gordura subira por si mesma e se deramara em torno, causando o desastre. Muito que me senti advertido, na infância, por aquele fato, que me enchia de temor.



Pouco depois de ir para a escola de Gerson Antunes, acompanhou-me o irmão mais novo, imediato, que logo criou um problema de ordem geral, que não deixou de me afetar um pouco. É que o mano achou de negociar nada mais e nada menos do que com o nosso pão de merenda. Como o vendedor de pão só passava pela roça em certos dias, trocando as massas por ovos, café de pilão e cereais (com o sujeito levando uma grande cesta à cabeça), os meninos tinham uma gana de pão — geralmente os coitados, mesmo com o padeiro aleatório, só ficavam com a broa, com a batata, com o inhame). Assim o irmão levava o candidato para um canto e beliscava o pão, dando-lhe um tiquinho, para lhe tomar o lápis, a caneta, a borracha. Em pouco estava de posse da maior parte do material escolar, com o embornal colado ao corpo, cioso da fortuna que ali tinha. Sua intenção devia ser a venda, no dia seguinte, de tudo àquilo aos mesmos infelizes, por moeda sonante. Mas aconteceu que os negócios se deram no recreio e o professor achou de fazer um ditado com a maioria dos meninos. Logo notou que quase ninguém escrevia o que ditava. Foi chamando os garotos:

— Por que motivo não está escrevendo?

— Eu esqueci o lápis em casa, fessô.

Por fim era grande o número de sujeitos postos em pé, de castigo, com a cara virada para o quadro negro. Mas aconteceu que um marmanjo acabou por cair em pranto, confessando o que tinha acontecido. O mestre mandou que todos se assentassem e que o



material lhes fosse devolvido. Quanto ao negociista terrível, fez apenas uma advertência, dando-o já por castigado com a perda do pão:

— O senhor (era como tratava a todos) deu prova de que tem queda para o comércio e isso é bom. Mas precisa ficar sabendo desde agora que o lucro tem limites. Um negócio não pode ser tão bom para um que arruine o outro.

Um preto, que depois de mim estudou no seu colégio, me disse ter levado dele uma reprimenda significativa. Como fez alguma coisa reprovável, foi chamado até a mesa. Gerson Antunes mandou que deixasse o braço sobre ela e fez o mesmo com o seu, cochichando-lhe:

— Veja que somos iguais na cor e diferentes da maioria que está aqui. Devemos nos conduzir de modo a não comprometer ainda mais nossa raça, já tão degradada.

Só por duas vezes me vi em apuros com o mestre. Uma delas foi por ocasião da sabatina de asseio corporal. Cada um se levantava e ia até ele para o exame. Quando chegou minha vez, senti-me em aperto, por ter as unhas crescidas e sujas (andara a fazer plantio no quintal que meu pai tinha cercado precisamente para dar ocasião ao meu gosto de apaixonado pela lavoura). Mas tomei a resolução heróica. Já não tendo mais o que perder, além da reprimenda inevitável, fui com as mãos bem estendidas para a



frente (quando os outros, em iguais condições, levavam-nas coladas às nádegas, denunciando-se desde logo). Ao ver meu despacho, o professor mandou que voltasse a meio do caminho, por estar evidente que não tinha mesmo nada para ocultar. Outra vez foi quando fiz uma brincadeira desastrada. Tomei o velho, escuro e desabado chapéu de lebre de um colega e joguei-o para o teto, por cima dos outros, com um grito:

— Pega o morcego, gente!

Foi uma algazarra, com o chapéu indo e vindo e o dono correndo a chorar entre as carteiras, em tentativas de o reaver. Levado o caso ao professor, ele viu que eu estava já bem punido, com a cabeça caída entre os braços, sobre a carteira, morto de vergonha. Por isso não me chamou até a mesa, limitando-se a me falar sobre o dever do coleguismo e dizendo também ao denunciante que acusar um colega por coisas tais não estava certo. Pintou mesmo a figura do denunciante que não tinha capacidade de resolver seus casos por si mesmo.

A pedagogia de Gerson Antunes era a da época, já sem o canto da tabuada (que a minha mãe ridicularizava, por haver ainda em certas partes). No que tange à palmatória, havia uma forma intermêdiária na pessoa de uma régua de ipé, bem pesada e escurecida pelo uso ou mesmo pela qualidade da madeira. Por causa de sua cor, era chamada eufemisticamente de Mulata. Quando algum sujeito incidia em falta grave, a Mulata saía do prego em que ficava quase sempre



pendurado pelo orifício de uma das extremidades. Mas não era usada desde logo de modo extremo. O mestre mandava que o faltoso pusesse a mão de costas sobre a mesa e ia passando a régua na palma, como quem amolasse uma faca, a dizer-lhe:

— Dessa vez ela está acariciando mas de outra vai mudar de conversa e falar a língua do Congo.

Mesmo assim, entretanto, o uso extremo era evitado. No caso, já o reincidente ficava de pé durante alguns minutos, dados por sentença formal e observados no relógio, equilibrando a régua de prancha na cabeça (excelente castigo para os irrequietos).

— Faltam três minutos, agora faltam dois... Cuidado...

Mas não vi a régua cair nunca. Naquele tipiti, todos se mostravam exímios equilibristas.

Só por duas vezes me lembro ter visto a Mulata mudar de cantiga, funcionando no duro. Uma delas foi depois de diversas admoestações, a que o peralta não dava o menor caso. Na outra, a situação se fez mesmo dramática. Tratava-se de um moleção dos seus quatorze, enxadeiro treinado desde os dez, por isso forte. Chamado à mesa do professor para uma reprimenda, ousou xingá-lo, alto e bom som:

— Fi da puta!

A Mulata, que já estava sobre a mesa por motivo de advertências a um outro, cantou-lhe na cabeça (de



prancha, pois de quina ter-lhe-ia aberto o crânio). O sujeito repetiu o xingamento e foi repetindo-o cada vez mais alto, enquanto os golpes se faziam cada vez mais fortes. Por fim o mestre se deu conta de que estava agindo em estado de perigosa ira e deixou a cabeça sobre os braços, em cima da mesa, enquanto o atrevido saía a gritar que tramaria uma vingança a qualquer momento. O pai ficou sabendo daquilo e deu uma tunda de pau no audacioso, que trouxe para a escola no dia seguinte. Gerson Antunes o recebeu com naturalidade, como se nada houvesse acontecido. Mas não podia mesmo ficar por muito tempo, por ser de má índole e perigoso demais. Por motivo fútil, enterrou uma caneta de suporte de lata na coxa do companheiro de carteira e desapareceu para sempre.

Quando se via em qualquer dificuldade, Gerson Antunes tinha saídas de humor. Uma delas foi numa carreira que levou, à vista dos alunos e trabalhadores que tratavam do arrozal por volta. Um vizinho da escola (o Otacílio ou Oto, de quem pude guardar boas recordações, inclusive em meu tempo de adolescente) era dono de um bode amestrado em atacar as pessoas de fora de casa. O Bordão era mesmo respeitado em larga área, pois costumava ir longe, com a agressividade de sempre. Certa vez viajou por dois quilômetros e foi danificar as plantas da minha avó. O meu avô Henrique Boechat, já velhinho, tomou de um porrete e foi tratar com ele. Mas o bicho pegou-o pelas pernas, atirou-o ao chão e foi crifrando-o e pisoteando. Se algumas pessoas não acudissem de pronto, não teria chegado aos noventa. O Bordão costumava apa-



recer na escola e nos estragar o recreio. Tínhamos de correr para dentro ou ficar empoleirados na porteira próxima, senão em cima de uns tocos que havia à margem do terreiro.

Digo tudo isso para mostrar que o professor não tinha o direito de se dar por desavisado, numa vez que teve de enfrentar o bicho. As meninas saíam um pouco antes dos meninos, de modo que se adiantassem na estrada, evitando problemas. Naquela tarde elas voltaram da curva do caminho, dizendo que lá estava o Bordão barrando-lhes a passagem. Gerson Antunes foi à margem do terreiro, quebrou uma varinha quando muito pedagógica e foi tratar com o bicho, levando já as meninas para quem pretendia abrir passagem de imediato. Mas em pouco voltaram a galope, com o professor na frente e com o Bordão a trotar atrás deles, dando chifradas no ar e berrando ameaçador. Todos se meteram no salão, em seus respectivos lugares. Gerson Antunes foi para sua cadeira, como se o Bordão tivesse mesmo respeito por qualquer tipo de cátedra. Em todo caso, ele pôs as patas dianteiras no segundo degrau da escada, olhando para dentro, indeciso se cometia ou não a invasão de domicílio. Foi quando o professor, quase sem fôlego, disse, apontando para ele, de modo a chamar a atenção de nós todos:

— Este é mesmo dos que não se deixam persuadir.

As pessoas de bom gosto riram do incidente mas



admirando sempre a saída de espírito numa situação em que tudo parecia perdido.

Gerson Antunes não era por demais repressivo, procurando mesmo por vezes moderar o respeito que os meninos tinham para com ele;

— Quando algum de vocês fizer ou disser qualquer coisa que provoque o riso, não precisam ficar aí trombudos da vontade de rir. Podem rir livremente, dentro dos limites naturais.

Logo se deu uma cincada, na leitura em voz alta, que cada um tinha de fazer junto dele. Mas nós não rimos, por se tratar de um menino estimado de todos, tendo havido mesmo pena no caso. Somente um de nós deu uma gaitada de encher o salão, embora cortada ao meio, com espanto, ao ver que não tinha seguidores:

— Ohl...

Contendo-se dificilmente, o professor disse apenas:

— Que batatada, seu Tancredo!

E foi então a nossa vez de rir da situação, de fato cômica.

Mas lembro-me disso com a intenção apenas de falar do Tancredo, aluno dos mais crescidos, excelente em todas as matérias, de uma família de meeiros limpos em tudo. Não pôde continuar por mais tempo na escola, pela necessidade de capinar o dia todo, para ajudar os pais e os irmãos menores. Mas não deixou



de freqüentar as aulas noturnas de religião para os rapazes que pretendiam pregar do púlpito. E fez-se mesmo um apreciado pregador, pelo que sempre ouvi dizer dele, pois não o ouvi pregar e em nossos encontros não falamos jamais em coisas do Evangelho. Além disso, mudou-se com a família para o Rio, onde morreu bem moço. Depois de ter saído do Valão, só nos encontramos uma vez, num ponto de baldeação, perto de Rio Bonito, indo cada qual para o seu destino. A conversa, por alguns minutos, foi mesmo sobre fatos do momento, embora agradável para nós. Depois eu soube que ele andou falando por aqui daquele encontro, de que se sentia honrado (eu já ia pelos meus vinte anos, com poemas publicados nos jornais, copiados nos álbuns, com prestígio, portanto, de intelectual). E é com o mesmo sentimento que falo dele agora, com saudades.

Outro discípulo de Gerson Antunes (também exadeiro, que só ia às aulas bíblicas para os que aspiravam ao ministério) me deixou boas recordações. Chamavam-no de Liquinho. Claro e forte, mostrava a singularidade de ter nascido meio cubista: zigomas salientes, cabeça angulosa. Andava com desajeito, quase sempre muito apressado, para o trabalho na lavoura ou indo em busca das aulas noturnas do professor Gerson, que o ajudou a se definir como pregador. Certa vez, de passagem, vi-o no púlpito. Eu ia com outros rapazes, tendo em vista uma serenata em lugar mais distante. Deixei o violão com um deles, no caminho, e me aproximei da janela, dizendo comigo:



— Vou apreciar um pouco dos solecismos da-  
quele analfabeto.

Mas o que ouvi me humilhou. Era uma exposi-  
ção simples e segura (não guardei o tema), em lin-  
guagem correta. Saí triste comigo mesmo, pensando:

— Ele, tão desajudado pela vida, chegou a tan-  
to e eu, com todas as facilidades, não poderei imitá-lo!

Eu já estava casado e morando na Jabuticaba,  
quando uma noite, em casa do meu pai, no Valão,  
por uma visita que lhe fiz com a mulher, vi-o entrar  
na venda. O que estava acontecendo com ele naquela  
época fiquei sabendo logo depois. Em plena saúde,  
veio-lhe a intuição de que ia morrer em breve. Por  
isso deu para sair, a pé, em toda a vasta região, ba-  
tendo às portas dos moradores, interpelando os que  
encontrava pelo caminho, para lhes dizer que a volta  
de Jesus ao mundo estava próxima. E assim ia logo  
morrer, cumprindo a ordem de Cristo, enquanto pôde  
andar. Naquela noite, em que vinha de uma andança  
por muitos lugares, em seu ministério lacônico e ur-  
gente, fiz-lhe uma pergunta que lhe pareceu o coroa-  
mento de seu esforço naquele dia (pelo prazer inten-  
so que lhe causei):

— Liquinho, qual é a função do Espírito Santo  
para conosco neste mundo?

O que disse foi mesmo o essencial. Logo saiu,  
deixando-me pensativo, com as mais justas razões.  
Depois só mais uma vez o encontrei no caminho, ten-  
do com ele uma breve palestra.



Outros discípulos de Gerson Antunes, por vários lugares, se fizeram bons pregadores.

Na escola, Gerson Antunes não falava de religião, por respeito aos que lhe tinham confiado os filhos para a educação leiga apenas. Mas nem assim deixou de alcançar o objetivo supremo, usando a música, do modo que eu, minha mulher Maria Catharina Pinto e minhas filhas Neide e Ceres, estamos fazendo agora, com a criação de um grande número de hinos, publicados em nossa pequena editora (passada a Samuel de Sousa, que nos imprime as obras, já distribuídas por muitas partes do país). O professor foi delicado e fiel, dizendo que os alunos não eram obrigados a cantar mas que podia cantar quem quisesse. Passou no quadro negro a letra do hino e nos ensinou a melodia, também sua:

Jesus ama as criancinhas  
com um amor que não tem fim.  
Se ele hoje aqui do céu viesse,  
com certeza falaria assim:  
— Vinde a mim, ó meigos cordeirinhos,  
vinde a mim, que me chamo Jesus,  
vinde a mim, vós sois os meus filhinhos,  
vinde a mim, que sou do mundo a luz.

Todos nós cantamos e creio que muitos, como eu, não o esqueceram nunca. O motivo da irradiante ale-



gria e da simpatia de Gerson Antunes está num outro hino, de sua autoria também:

De Jesus a beleza se veja em mim,  
seu amor e pureza revele assim.

Oh! que todo o meu ser  
possa se converter  
na beleza de Cristo Jesus em mim!

Certa vez, no Barreiro, onde me achava para uma serenata (com o violão e o litro de conhaque escondidos no mato), cheguei, com os companheiros de andança noturna, para ver na casa de oração os elementos femininos que lá estavam (decidindo sobre a direção a tomar mais tarde). Já a reunião ia terminando e o povo foi saindo. Mas, do lado de fora mesmo, Gerson Antunes, num arroubo de alegria, fez um gesto e diversas pessoas ergueram a voz. É certo que ele preparava espiritualmente os membros do coral, de modo que todos cantavam com vida, em medido entusiasmo. Não guardei as palavras do hino mas ficou-me a sensação de que alguma coisa de especial acontecia naquele momento. Os que estavam mais longe pararam, imóveis e num silêncio de impressionar. Naquela noite bebi, cantei e toquei violão com uma tristeza especial, como que a nostalgia de alguma coisa divina.

É que eu também já estava coxeando entre dois pensamentos.



Por não ser admitido no movimento indenominacional o dízimo dos sectários, tendo-se como único sistema de contribuição cristã o que chamo de voluntário e proporcional, segundo o que se propõe no coração e segundo a prosperidade de cada um (como se vê em 1 Cor. 16:1 e 2 Cor. 2:1), todos ficavam bem de consciência na avareza e quase nada chegava a Gerson Antunes para a obra evangélica. O boêmio, que tinha passado por negras privações, estava disposto a passar por elas novamente. Mas tinha agora o dever para com a família, que precisava de um mínimo de recursos (muitos dos alunos de sua escola estudavam de graça).

Chegando para o Valão antes de 1928, quando se casou, ali esteve até 34, indo então para Carangola. De lá seguiu anos depois para Vitória, onde dava aulas na Academia de Comércio do snr. Alfredo Filgueiras, que não cheguei a conhecer pessoalmente (por tudo o que ouvi a seu respeito ficou-me a impressão de um homem de vida espiritual muito alta). Mas não demorou que voltasse para aqui, doente para morrer e com a mulher no mesmo estado. Seu afastamento daqui foi um desastre, sem dúvida alguma. E ele mesmo teve ocasião de certificar-se disso, quando, estando ainda em Vitória, foi convidado para pregar na casa de oração do Valão, em seu aniversário. De chegada, encontrou a casa dividida ao meio, para que se dessem ali representações teatrais (creio que houve teatro pelo meio-dia e haveria à noi-



te, depois da pregação do Evangelho). Por isso o povo estava irrequieto. Alguma peça humorística (são péssimas em toda parte) permitira que todo mundo perdesse o respeito pelo lugar. Gente andando por todos os lados, no início já declarado da pregação da noite, gente falando alto, rindo, meninos subindo nos bancos, dando gritos. Em vão os responsáveis tentaram impor algum silêncio, ao menos para a leitura do texto bíblico; que serviria de tema. O máximo que Gerson Antunes pôde fazer foi subir ao estrado do púlpito e clamar, em estado de agonia:

— O mundo passa e a sua concupiscência. Mas o que faz a vontade do Senhor permanece para sempre (1 S. João 2:16).

Disse-o e se ausentou para chorar no isolamento sobre a ruína de tudo que tinha pensado construir.

Ele era um homem que levava a sério a cultura. Disso ficaram como prova as obras que o orientaram e que me vieram às mãos, pouco depois da sua morte. As de língua portuguesa teriam sido levadas por outros (menos um volume de teologia, de que tirei bom proveito). O grosso era em inglês, com duas apenas em francês — um compêndio de história natural e HISTOIRE MODERNE, de Albert Malet, que me foi útil também. Em inglês estavam a Bíblia comentada por Scofield, estudos diversos, como um trabalho de Collet (THE SCRIPTURE OF TRUTH), além dos evangelhos comentados por Darby, onde não encontrei um vestígio de clericalismo e sectarismo.



Da literatura em geral, apenas uma tradução da DIVINA COMÉDIA, por Longfellow, e um romance de Alexandre Dumas, pai. Um grosso dicionário bíblico me ajudou muito também, a despeito do meu inglês nunca dominado com perfeição.

Como eu viesse de Dante, Lamartine, Chateaubriand, Unamuno, Jacques Maritain (da cultura latina, em suma), os ingleses exatos e apoéticos me foram úteis para corrigir o excesso de lirismo teológico. Mas por causa disso fiquei diferente de todo mundo, sem me ajeitar nunca no protestantismo de estilo inglês, que trouxe para aqui a velha briga entre o papa e Henrique VIII, protestantismo versus catolicismo (o que logo me pareceu ridículo e incapaz de levar a alguma coisa que prestasse). Assim, livre de todo, em minha singularidade, mais fiquei sentindo a poesia do cristianismo do que pensando em observar preceitos, com uma consciência kantiana do dever.

Doente e com a mulher morrendo também, Gerson Antunes encontrou aqui pessoas que os cuidaram com amor, até o fim. Por meio delas fiquei sabendo como fora comovente a despedida dos dois (deviam ficar em casas separadas, para que os gemidos de um não agravassem ainda mais a agonia do outro) cada qual chorando e dizendo textos bíblicos que servissem de consolação.

Pois naquele estado, morrendo e deixando os filhos menores no mundo, ainda houve pessoas que tentaram agravar seus padecimentos, querendo saber o mo-



tivo por que, tendo sido tão dedicado à obra de Deus, estava sofrendo tanto agora. Os infelizes se comportaram como os amigos de Jó, naquele passo, chegando um deles a escrever de longe, com a indagação absurda. Completamente cego, Gerson Antunes respondeu por meio de um amanuense, dizendo que o missivista deveria ter perguntado não o «porquê» mas o «para quê» das suas dores. E era mesmo a perspectiva estabelecida por Jesus, no caso do cego de nascença:

— Quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?

— Nem ele nem seus pais; mas assim foi para que se manifestassem nele as obras de Deus (S. João 3:9).

De fato, um nascera cego e o outro se fizera cego para aquele fim. No caso de Gerson Antunes foi a alegria que sempre mostrou, naquele estado desesperador para qualquer outra pessoa.

No meu começo de vida, lutando na roça para me ajeitar, vinha muito pouco à cidade. Mas numa daquelas vindas fiquei sabendo que ele tinha chegado de Vitória e o fui visitar, em companhia da minha mulher. Quando lhe anunciaram minha presença, teve uma satisfação tão grande que por nada me levou às lágrimas. Ele sabia que eu estava pregando o Evangelho, depois de uma adolescência de boêmia noturna. Por diversas vezes me ouvira tocar violão e cantar nos lugares a que ele ia para pregar e eu para fazer sere-



natas. Sentia que os nossos destinos tinham muito em comum. — dois boêmios do mundo feitos boêmios da graça. Dizem que, ao saber que me tinha convertido, exclamara com enlevo:

— Mais um que saiu do sereno!

Ele queria falar comigo precisamente sobre a vida de pistonista das madrugadas, certo de que ali no quarto só eu poderia entendê-lo. Estava diante de mim no espírito de Corrêgio que, à vista de um belo quadro alheio, exclamou, tomado de justa emulação:

— Eu também sou pintor!

Algumas pessoas se ajuntaram no quarto, esperando entre nós um diálogo teológico, que se fizesse célebre. Mas, com espanto, viram que não falamos nada sobre religião (subentendíamos em tudo, era isso!). Ele foi diretamente ao assunto que mais queria tratar comigo, falando do seu conjunto noturno, dos seus companheiros, insistindo especialmente num deles. Era um boêmio que não cantava nem tocava instrumento algum mas ia recitando pelas madrugadas, no intervalo das músicas, os versos de sua autoria, gesticulando com as mãos incertas do delirium-tremens, como estavam agora as do meu mestre ao repetir seus versos, por motivo da debilidade extrema. Infelizmente, não guardei nenhum daqueles versos, que entretanto me comoveram no momento — apenas lembro-me de que eram de um humilde menestrel de Idade Média, queixando-se da indiferença de alguma nobre e inacessível dama dos seus sonhos.



Disse um poeta latino que os passarinhos emigrados para lugares distantes, quando sentem aproximar o fim, voltam à terra natal para morrer. Gerson Antunes fazia mais ou menos isso. Não podendo voltar para sua distante Caxias, voltou ao menos para o lugar onde mais amou e foi amado. Ali no quarto, só eu tinha condições de captar o débil pulsar do seu coração de passarinho agonizante. Sem ouvir dele um conselho e sem lhe dizer nenhum desses chavões consoladores, despedimo-nos, por fim, com um aperto de mãos demorado e silencioso.

Morreu poucos dias depois, no Barreiro, para onde pediu que o levassem, e foi sepultado em Ourânia, deixando seu exemplo de fé em diversos hinos e escritos, principalmente por sua vida só de agradáveis recordações para os moradores desta região. Embora tenha começado por lutas com a corrompida justiça da cidade natal, não chegou a ser como eu aqui, pelo mesmo motivo (fidelidade ao dever de protesto), um «homem de rixas e contendas» — o que de si mesmo disse o profeta Jeremias, contra quem se levantaram os irmãos, com as autoridades de Anatote, expulsando-o para lugares de onde os judeus fugidos do cativeiro de Babilônia o arrastaram para o Egito, matando-o, finalmente, para fazer calar seus oráculos.

Mas cada qual com sua natureza, suas oportunidades, seus revezes, seus martírios — sua destinação.



Em vez de:	leia-se	pág.
tramaria uma	tomaria	20
que estava debaixo	estavam	15
crifrando-o	chifrando-o	20
àquilo aos mesmos	aquilo	16



**OBRAS DO AUTOR:**

O Covil (romance)

A Miragem e a Sereia (romance)

Poesias Completas

Vida de Jesus

Cristianismo Heróico

Os Muriçocas (no prelo)

Os Tataíras (inédito)

Perfil de Raul Travassos da Rosa

Perfil de Jonas Lopes de Carvalho

Perfil de Amado Pereira de Cerqueira

Sonetos Para Nathan

Violeiro de Topete (cordel)

**Composição e Impressão:**

**Samuel de Souza**

